

ANIMAL E HUMANO NO LIVRO III DAS *GEÓRGICAS* DE VIRGÍLIO

Matheus Trevizam (UFMG)
matheustrevizam2000@yahoo.com.br

1. *Introdução do tema e primeira exemplificação geral, externa ao livro III*

Os olhares do crítico para as *Geórgicas* virgilianas parecem, com muita frequência, convidar ao avanço das leituras para além da obviedade da superfície. Ocorre, na verdade, que o poeta escolheu, neste poema, os meros assuntos rústicos como uma espécie de suporte metafórico para a discussão de ampla gama de questões mais profundas, como os destinos de Roma em um tempo tão conturbado e incerto quanto o fim das guerras civis,¹ o papel do divino em nossa realidade cotidiana,² os eventuais nexos entre diligência e violência na atuação do *rusticus* sobre a natureza domada do *fundus* em que opera,³ os limites entre nossa condição humana e outros possíveis modos de existir no mundo...⁴

¹ Cf. Wilkinson, 1997, p. 161: Suppose this passage (l, 498-504) were written at the end of 36 or early in 35. That is just about the time we should presume that Virgil was finishing Book I. The finale follows quite naturally and embodies the emotions of the day. Virgil would not feel called upon to modify it later. I much prefer this conception to the idea that the lines about Caesar were inserted after Actium, even though a man of thirty-four could still be called *iuuenis*. There was a feeling abroad about this time that Rome must be under a primal curse which someone had to expiate.

² Cf. WILKINSON, 1997, p. 151-152: If asked to formulate a *Credo*, Virgil would probably have been reluctant; but, if pressed, he might have complied somewhat as follows: 'I believe that there is a power working in the universe. Sometimes I call it simply "natura", but with a more positive feeling than Lucretius, who uses the term rather as a personification of the way in which things work: it is a kind of life-force – *quippe solo natura subest*. More often, especially in human and moral contexts, I call it "Jupiter" or "Pater".'

³ Cf. Virgil, 1994a, p. 196: 210-11 *illae altum nidis petiere relictis, / at rudis enituit impulso uomere campus*: this captures the dilemma of Book 2, and of the poem as a whole: cultural progress imposes loss and suffering on nature; to ignore the latter ('*enituit* suggests

A respeito desse último polo significativo, ricamente “acoplado” à trama de todo o poema, importa para nós, de início, atentar para o fato de que a confusão de barreiras entre os vários reinos naturais (humanidade, animalidade e universo botânico) não constitui algo exclusivamente ligado aos assuntos rústicos do terceiro livro da obra, ou seja, ao âmbito pecuário ali abordado, mas também se dispersa por vários outros pontos do texto:

Ac dum prima nouis adolescit frondibus aetas,
 parcendum teneris; et dum se laetus ad auras
 palmes agit laxis per purum immissus habenis, 365
 ipsa acie nondum falcis temptanda, sed uncis
 carpendae manibus frondes interque legendae.
 Inde ubi iam ualidis amplexae stirpibus ulmos
 exierint, tum stringe comas, tum brachia tonde:
 ante reformidant ferrum: tum denique dura
 exerce imperia et ramos compesce fluentis. 370

E, enquanto se desenvolve a primeira idade com novas folhas, as tenras devem-se poupar; e enquanto se impele alegre aos ares a vara, atirando-se pelo espaço com rédeas soltas, a videira ainda não deve ser experimentada a corte de foice, mas com as mãos em gancho devem ser retiradas as folhas e colhidas do meio. Depois, quando já saírem, tendo abraçado os olmos com fortes troncos, então poda a coma, então corta os braços: antes, temem o ferro: então, enfim, exerce duros comandos e reprime os ramos espalhados.

(*Geórgicas* II, 362-370, tradução minha).

As linhas acima, que foram extraídas do livro II das mesmas *Geórgicas*, no qual o poeta se ocupa de discorrer sobre aspectos variados do tópico rústico da arboricultura, exemplificam para o leitor um momento de interpenetração entre o mundo das plantas e o dos seres humanos. Trata-se, como notamos, de um trecho no

beauty and order in contrast with what was previously wild and rugged’ (Page)) is to simplify and distort the poem.

⁴ Cf. Wilkinson, 1997, p. 124: In Virgil both ploughman and yokemate are distressed at the loss of a fellow worker. Their feeling is social. ‘*Quid labor aut benefacta iuuant?*’ as one said in laments of the human dead: ‘Ah, what avails...?’

qual o *magister* agrário preceitua ao *discipulus* sobre os corretos tratos à videira em cada fase vital da planta: dessa maneira, quando o pé de uvas ainda é jovem e, portanto, não tão capaz de resistir a duras medidas da parte do agricultor, mesmo que com o intuito de “limpá-lo” ou fazê-lo desenvolver-se com esmero, “deve-se poupar”. É bastante significativo do efeito antropomorfizante que aventamos ter Virgílio empregado em v. 362 o termo *adolescit* para referir-se ao desenvolvimento vegetal, pois, como sabemos, tal palavra facilmente nos remete ao próprio plano da formação de jovens humanos: no dicionário latino-francês de Félix Gaffiot, na verdade, registram-se os sentidos “jeune homme/jeune femme” para o substantivo *adulescens* e “grandir, se développer” para o próprio verbo *adolescere* (GAFFIOT, 1934, p. 51). Ora, embora esse último também se possa aplicar à designação do crescimento de plantas e seres vivos *em geral*, a própria existência de elementos adicionais na sequência, fortemente associáveis a um vocabulário em princípio indicador de *peessoas*, parece-nos reforçar e permitir, desde as linhas do começo do excerto, uma leitura como aquela aqui proposta.

São tais elementos os vocábulos *comas* (“coma”, “cabeleira”) e *brachia* (“braços”), de v. 368, bem como *reformidant* (“temem”), de v. 369, e *exerce imperia* [“exerce (duros) comandos”], de v. 370, pois, a rigor, designam partes da anatomia humana ou experiências que preferiríamos, do ponto de vista lógico, relacionar a homens e mulheres, não a simples videiras. No caso das duas últimas expressões mencionadas, importa distinguir que *reformidant* se refere a algo experimentado *pelas próprias* parreiras, enquanto *exerce imperia* a algo que *se impõe* sobre elas, por uma espécie de endurecimento da atitude do *agricola* para com as plantas quando, já amadurecidas e robustas, toleram tratos de cultivo mais enérgicos. Com isso aludimos inclusive à “poda” das folhas dessa espécie arbórea (*stringe* – v. 368), bem como ao “corte” (*tonde – idem*) de seus ramos, atitudes vinculadas a alguma violência na medida em que em si correspondem a coibir e extirpar partes integrantes do “corpo” das parreiras.

Deve-se explicar, por outro lado, que a ideia de “exercer comandos” sobre as plantas contribui para humanizá-las na medida em que nos faz pensar em contextos fortemente vinculados à imposição social da disciplina, a exemplo daqueles educacionais, militares⁵ ou mesmo políticos, como se, ultrapassada a juventude, então devessem experimentar com mais ênfase um jugo constritor de seus impulsos de plena liberdade. Quanto ao emprego do verbo *reformidare* (“temer”), evidentemente se trata de algo aplicado a parreiras apenas por um mecanismo de licença poética, já que normalmente não se diria que uma planta pudesse ter tais sentimentos.

Na sequência de nossa exposição, buscaremos descrever como tal efeito de esmaecimento de barreiras entre mundos (humano e animal) se dá no próprio livro III das *Geórgicas*, parte da obra favorecedora de semelhantes elaborações por parte do poeta na medida em que a amiudada abordagem do tema do trato humano com o gado favorece, naquele contexto, frequentes justaposições entre os traços definidores de nossa espécie e os dos seres “irracionais”.

2. *Animal e humano no livro III das Geórgicas: superficial diferenciação, identificação pela experiência do Amor e da Peste, ou por outros fatores*

Em termos de sua estruturação, já se observou,⁶ o livro III das *Geórgicas* divide-se em duas metades, respectivamente identi-

⁵ Também em *Geórgicas* II, 279-283 o poeta aproxima o trato das vinhas, postas em *disciplinadas* fileiras, daquele cabível a um exército humano a comandar (TREVIZAM, 2006, p. 198).

⁶ Cf. VIRGIL, 1994b, p. 95-96: 284-94 The second proem – The proem to the second half of the book (treating smaller animals) balances that at 1-48; see 292-3, 294nn. The passage also looks to the opening of Book 4 (286, 289-90nn.). This proem helps to underscore the bipartite nature of the book, and ultimately to emphasize the two great crescendos which in each half follow the technical or didactic parts – the twin devastations brought by *amor* and by the plague. On the poetic programme of these lines see introduction, pp. 1-3.

ficadas com a inicial parcela de abordagem do trato dos animais de grande porte – bovinos e equinos – e a seção seguinte, na qual os pequenos rebanhos – de ovinos e caprinos – passam a receber a atenção do *magister* didático. A passagem de uma a outra, inclusive, é formalmente sinalizada nesta obra por meio do artifício da intercalação de um “segundo prólogo” (v. 284-294), espaço para que o poeta “se desculpe” pela humildade do assunto técnico que vai adentrar – o trato dos animais menores, bem o vimos –, ao mesmo tempo em que reconhece na dificuldade mesma de sustentar poeticamente semelhante empresa uma forma de diferenciar-se do comum dos autores,⁷ os quais preferem manter-se em “rotas” mais seguras, mas também menos promissoras sob estritos âmbitos criativos.

Como impressão inicial a respeito das relações estabelecidas no livro em pauta entre os seres humanos e os animais, sobressai-se, conforme esperado em uma parte da obra ocupada da pecuária, o aspecto da *cura*, ou “cuidado” que se dá como algo direcionado do polo de forças inteligente e “superior” (o homem) para o “inferior” (os animais). Esses necessitam, assim, ser selecionados desde antes da fecundação, através da escolha das melhores matrizes reprodutoras (v. 49-71); além disso, os bons garanhões devem apresentar, como traços físicos, o colo ereto, o ventre pouco volumoso, o peito abundante em músculos... (v. 72-94). Ainda neste aspecto reprodutivo, início de tudo em semelhante parte da lida rústica, o *magister* didático esclarece que, no tempo da monta, antes convirá emagrecer as *fêmeas*, mas *engordar* os machos, no primeiro caso para evitar o entorpecimento dos órgãos reprodutivos; no segundo, para que os filhotes não repercutam, com a própria fragilidade física, a débil compleição dos pais (v. 123-156).

Depois do nascimento da cria, os cuidados se voltam para os próprios filhotes, quer sejam da espécie bovina, quer da espécie

⁷ *Geórgicas* III, 291-293: *Sed me Parnasi deserta per ardua dulcis/ raptat amor; iuuat ire iugis, qua nulla priorum/ Castaliam molli deuertitur orbita cliuo.* – “Mas do Parnaso pelas desertas escarpas me arrebatou/ o doce amor; agrada seguir nas alturas, por onde nenhum carro/ dos predecessores vai dar a Castália por suave encosta” (tradução minha).

equina: esses derradeiros, assim, devem ser “educados” para os afazeres bélicos, de transporte e competitivos de que, talvez, um dia irão ocupar-se. Isso se dá inclusive com expô-los aos barulhos das trombetas, das rodas e dos freios (v. 179-208) para criar, pelo hábito, a tolerância. Por sua vez, os animais de menor porte não menos necessitam das atenções e próximas medidas dos donos: então, para as ovelhas, é forçoso cuidar de que disponham de ervas para alimentar-se nos redes, bem como de palhas estendidas sobre o solo de seu local de descanso, medida profilática contra os males da sarna e da gota, advindos da friagem (v. 284-299).

Quanto às cabras, necessitam de água fresca e de medronhos e, embora não tenham tanta utilidade quanto os ovinos, não deixam de oferecer itens de valia para o *agricola*, como os pelos empregados em determinados têxteis grosseiros (v. 300-313). Além disso, enquanto se deve cuidar de que elas mesmas pastem nos bosques, em meio a carvalhos e ameixeiras, as ovelhas se alimentam diariamente nos campos, segundo o andamento de uma rotina por que zela seu cuidador, a fim de evitar-lhes os danos do calor excessivo, da fome e da sede (v. 314-338). Para a obtenção do leite, convém alimentar os animais com codesso, lódão e ervas salpicadas de sal, e com ele se faz o queijo, transportado à cidade para o comércio (v. 394-403).

Por fim os cães, empregados para a guarda nos *fundi rustici*, devem de preferência ser nutridos com o gordo soro do leite e escolhidos de modo a nada temerem, nem os ladrões, nem os lobos, nem os assaltantes (v. 404-413). Afastam-se as serpentes das imediações dos locais onde se movimentam e alojam os animais domésticos com o emprego de medidas como a queima da madeira de cedro e do gálbano em tais áreas, pois que, talvez, essas substâncias teriam propriedades repelentes (v. 414-439). Contra os males da *scabies* (“sarna”), melhor seria aos camponeses lavar as ovelhas doentes em águas correntes ou passar-lhes sobre os corpos unguentos como a cera, o enxofre e o pez (v. 440-469). Se tal doença fosse tão grave quanto a experimentada pelos animais (e até homens) na província do *Noricum* (v. 474 *et seq.*), acrescentamos,

cuidado algum bastaria para remediar o irrefreável avanço do contágio e da própria morte...

Não há que se imaginar, porém, semelhante diferenciação entre os animais e seus cuidadores no todo da presente parte das *Geórgicas*, temos insistido: na verdade, se o conjunto de medidas rústicas que acabamos de mencionar denota alguma supremacia de nossa espécie sobre os brutos, pois esses assim acabam dependendo, no ambiente camponês, das corretas e racionais ações dos donos a fim de bem alimentar-se, proteger-se das intempéries e recuperar-se de doenças menos graves, por exemplo, já um elemento *desestruturador* da ordem no *fundus* como o *Amor*/ins-tinto sexual contribui para *equiparar* tais “mestres” e dominados.

A esse respeito, segundo um peculiar direcionamento dado por Virgílio à questão do sexo nesta obra,⁸ embora se façam obviamente imperiosos os cruzamentos dos animais, com vistas à contínua renovação dos rebanhos do *rusticus*, tal força da natureza também assume aqui sentidos associáveis a tirânicos e destrutivos poderes. Ocorre, com efeito, segundo as descrições espalhadas pelo poeta ao longo do texto, que os ímpetos dos animais domésticos e selvagens, aflorados na época da reprodução, possam reverter-se em violência, sobretudo caso impedidos de concretizarem o que lhes impõem os instintos: isso explica a temível errância da leoa desejosa pelos campos, quando se esquece até dos filhotes (v. 245-246), os ataques associáveis aos ursos nos “bosques” (*silvas* – v. 248), a fúria do javali e da tigresa (v. 248), bem como os riscos, para o homem, das jornadas em meio aos “campos desertos” (*solis... in agris* – v. 249) da Líbia, em certas épocas do ano. Na sequência, o poeta continua:

Nonne uides ut tota tremor pertemptet equorum 250
corpora, si tantum notas odor attulit auras?
Ac neque eos iam frena uirum neque uerbera saeua,

⁸ WILKINSON, 1997, p. 131: The horrific outburst lust as destroyer which comes as climax of the first part of Book 3 obliterates all memory of normal breeding. Moreover, the only loves of human beings mentioned prove disastrous – Leander, Aristaeus, Orpheus. Sexual jealousy drives the Thracian women to their horrible crime.

non scopuli rupesque cauae atque obiecta retardant
 flumina correptosque unda torquentia montis. 255
 Ipse ruit dentesque Sabellicus exacuit sus
 et pede prosubigit terram, fricat arbore costas,
 atque hinc atque illinc umeros ad uolnera durat.
 Quid iuuenis, magnum cui uersat in ossibus ignem
 durus amor? Nempe abruptis turbata procellis
 nocte natat caeca serus freta; quem super ingens 260
 porta tonat caeli, et scopulis inlisa reclamant
 aequora; nec miseri possunt reuocare parentes
 nec moritura super crudeli funere uirgo.
 Quid lynces Bacchi uariae et genus acre luporum
 atque canum? Quid quae imbelles dant proelia cerui? 265

Acaso não vês como espasmos abalam o corpo todo
 dos cavalos, apenas com trazer o odor os ares conhecidos?
 E já não os retardam freios humanos, duros golpes,
 penedos, grutas escavadas e rios opostos
 retorcendo com suas águas arrebatados montes.
 O próprio porco sabélico se precipita, afia os dentes,
 escava a terra com o pé, esfrega as costas numa árvore
 e aqui e ali fortalece as espáduas para os ferimentos.
 Que dizer do jovem em cuja medula o duro desejo revolve
 um grande fogo? Decerto atravessa tarde, na noite escura,
 mares agitados por tempestades que caem; sobre ele
 tropeja a vasta porta do céu, reclamam-no os mares dilacerados
 contra os escolhos, os pais infelizes não o podem chamar de volta,
 nem, ainda, a moça prestes a morrer de uma morte cruel.
 O que dos lincees mosqueados de Baco e da dura estirpe dos lobos
 e cães? O que dos combates que os cervos imbeles travam?

(*Geórgicas* III, 250-265, tradução minha).

Ora, o que lemos no excerto acima mostra-nos também um animal não agreste como o cavalo – ou outros como o cão e o porco – em frenesi instigado pelos duros aguilhões do desejo. Isso claramente significa que *Amor*, longe de apenas confinar-se na selvageria do mundo natural pleno, isto é, aquele de todo alheio aos cuidados e operações de regramento do *rusticus*, como os bosques ou os solitários campos líbios, adentra com força ainda nos círculos onde se fazem sentir as tentativas humanas de controle.

É, porém, mais impressionante, e indicativo do caráter, na verdade, *indomável* desses instintos, o fato de que o poeta nos fale

na passagem de *seres humanos* abrasados por semelhante chama passional: o jovem (*iuuenis* – v. 258) citado corresponde, anonimamente, a um mítico Leandro, que se enamorara de Hero, sacerdotisa de Afrodite. Então, como ambos se encontravam geograficamente separados pelo Helesponto – ocorrendo que ele habitasse na cidade de Abidos, e ela em Sestos –, ele atravessava o mar a nado todas as noites, a fim de desfrutar dos encontros amorosos com a mulher (GRIMAL, 1963, p. 255). Isso continuou a ocorrer em reiteradas ocasiões, mesmo na violenta noite de tempestade em que, incapaz de resistir ao desejo de estar com a amada, ele mais uma vez se atirou às águas, vindo a morrer afogado em meio à incontrolável borrasca, bem mais forte que o vigor de seus braços. O que tal história tem a mostrar-nos é o próprio risco da exacerbação de limites advindo da experimentação de *Amor* por todos⁹ os viventes, não só pelos brutos, pois que essa força se revela, no relato, mais intensa até que o instinto de conservação.

Alguns versos posteriores, por sua vez, continuam a dar a medida do potencial destrutivo do desejo, mesmo quando instigado por direta intervenção divina sobre os seres: em *Geórgicas* III, 266-268, o poeta apresenta um tipo de ser, as éguas, cujo ímpeto sexual era reputado o mais intenso possível na Antiguidade.¹⁰ Tal evocação de extremos se dá por meio da narrativa mítica da lenda de Glauco, o filho de Sísifo, cujas éguas vieram a estraçalhá-lo vivo a dentadas depois que ele as privou do contato com os machos, pois queria tê-las mais fofas para disputar um páreo (GRIMAL, 1963, p. 166). Ora, no contexto, esse espantoso desfecho decerto se reveste dos tons religiosos de uma justa retribuição de uma divindade ofendida – a própria Afrodite – a quem a tratara com desdém, como se tais ímpetos que naturalmente desperta nos seres pudessem, simplesmente, ser ignorados. Não acreditaríamos, ainda, desprovida de razão uma associação que propusesse paralelos entre este castigo imposto a Glauco e aquele a Hipólito, igualmente

⁹ *Geórgicas* III, 244: *Amor omnibus idem*. – “O desejo é o mesmo para todos” (tradução minha).

¹⁰ Veja-se Aristóteles, *História dos animais* 572a8-30 (apud VIRGIL, 1994b, p. 91).

te sacrílego e ofensor de Afrodite por rejeitar taxativo os seus dons em troca dos de Ártemis...

Quando passamos à participação do tema da Peste Nórica no assunto que aqui nos interessa, ou seja, a confusão de barreiras entre seres humanos e animais do livro III das *Geórgicas*, de início se observa que esse mal, suficientemente grave para arrasar toda a vida na região atingida (v. 477 – *longe saltus lateque uacantis*: “bosques vazios em todas as direções”), teve origem por uma espécie de desarranjo atmosférico (v. 478-479), o qual causou, num primeiro momento, sintomas como a febre, o emagrecimento e a perda de massa óssea aos rebanhos dos nóricos. Assim, desesperados com o avanço da doença sobre seu bem mais preciso – os próprios rebanhos –, tais pastores inclusive recorreram a práticas sacrificiais apaziguadoras da ira de algum eventual Nume ofendido, sem, no entanto, lograr bons resultados nesse sentido: na verdade, durante os próprios ritos propiciatórios aos deuses, tiveram de presenciar sinais de mau-agouro como a queda das vítimas diante dos altares, antes de feridas a ferro, ou mesmo que os animais degolados custavam a sangrar e a ter suas entranhas consumidas pelo fogo (v. 486-497).

O agravamento da Peste, sequencialmente, levava a sintomas tão mais fortes quanto a um excruciante ardor ocular, à dificuldade respiratória, ao sangramento pelas narinas, ao inchaço da língua no espaço de toda a boca e a uma espécie de insana fúria autodestrutiva, responsável por fazer os seres atingidos dilacerarem os próprios membros a dentadas (v. 503-514). Em um tipo de absurda dissolução de limites entre todas as vítimas da doença, como nos descreve Virgílio, animais domesticados e selvagens, mansos e violentos, marinhos e aéreos passam a partilhar ou trocar radicalmente de atributos:

Non lupus insidias explorat ouilia circum
nec gregibus nocturnus obambulat; acrior illum
cura domat; timidi dammae ceruque fugaces
nunc interque canes et circum tecta uagantur.

540

Iam maris immensi prolem et genus omne natantum
litore in extremo, ceu naufraga corpora, fluctus

proluit; insolitae fugiunt in flumina phocae.
Interit et curuis frustra defensa latebris
uipera et attoniti squamis adstantibus hydri.

545

Ipsis est aer aibus non aequos et illae
praecipites alta uitam sub nube relinquunt.

O lobo não tenta emboscadas em torno dos redis
nem rodeia de noite os rebanhos: uma preocupação
mais dura o domina; medrosas corças e cervos fugazes
agora vagueiam entre os cães e em volta das casas.

Já a prole do mar imenso e todo tipo de ser nadante
ao fim da praia, como corpos naufragados, a onda
arroja; focas insólitas fogem para os rios.
Morre também a víbora em vão protegida em tocas
sinuosas e as hidras espantadas, de arrepiadas escamas.

O ar não é saudável para as próprias aves, e elas,
tombando, deixam a vida sob a nuvem alta

(*Geórgicas* III, 537-547, tradução minha).

Contudo, o mal atinge seu ponto culminante, quanto ao foco analítico que aqui nos interessa, no momento em que o poeta claramente menciona as chances de contágio sobre os próprios seres humanos renitentemente desejosos de permanecer e levar uma vida “normal” naquelas paragens malditas. De fato, quando esses tentam “apagar” os indícios do mal com a dispersão das entranhas dos animais atingidos na água ou nas chamas, veem-no de novo triunfar (v. 560); quando, porém, ousam colocar sobre os próprios corpos vestes feitas com a pelagem dos animais atingidos, o que se passa é que se contagiam eles mesmos com esse mal terrível e incurável:

Verum etiam, inuisos si quis temptarat amictus,
ardentes papulae atque immundus olentia sudor
membra sequebatur, nec longo deinde moranti 565
tempore contactos artus sacer ignis edebat.

Ainda, na verdade, se alguém provara os mantos odiosos,
pápulas inflamadas e um suor imundo atacavam
os membros fétidos, e pouco tempo depois
o ‘fogo sagrado’ devorava o corpo infectado

(*Geórgicas* III, 563-566, tradução minha).

Desse modo se completa, em *Geórgicas* III, o ciclo de contágio não só sobre os rebanhos, mas destes para os animais selvagens e o homem, sem que, em caso algum, haja uma saída diferente da morte para os agudos sofrimentos que a Peste vem a desencadear. Por fim, importa ainda esclarecer que as barreiras entre humanidade e animalidade se confundem na parte da obra aqui em pauta não só porque os integrantes de um e outro reino são atingidos, ou mesmo vencidos, pelas pesadas consequências de *Amor* e da Peste, mas também pela própria antropomorfização dos animais ao longo do livro pecuário das *Geórgicas*.

Esse último efeito se dá, exemplarmente, na conhecida cena da morte do boi (v. 515-530), em que um dos novilhos de uma junta bovina a puxar o arado desfalece por causa da Peste em plena atividade de trabalho, ocasionando o comum lamento do agricultor que os acompanhava e do animal então poupado dos estragos da doença. Em tais circunstâncias, o novilho morto é praticamente igualado, pelas descrições do poeta, a um honesto e frugal agricultor, cujas modestas ocupações, além do trabalho nos campos, apenas têm nexos com uma pobre alimentação de ervas e água fresca, sem se preocupar ele com beber os “dons mássicos de Baco” (v. 526-527) e com refinados, mas desnecessários, banquetes (v. 527). Essa “epicurista” maneira de viverem os bois rústicos, por outro lado, evoca o modo de existência dos próprios camponeses da passagem das *Laudes ruris* do livro II (v. 490-540), na qual tais homens são contrapostos, em sua feliz simplicidade, às ambições e tolos sofrimentos dos cidadãos.

Em outros pontos de *Geórgicas* III, derradeiramente, poder-se-iam apontar similaridades com tal modo “ascendente”, do ponto de vista dos animais, de se parecerem com os seres humanos, como se resultassem enobrecidos por alguns paralelos propostos por Virgílio. Citamos, assim, o fato de se falar em “himeneus” a propósito do acasalamento de meros bovinos (v. 60), e em “Lucina”, no mesmo verso, em referência aos partos dessa espécie animal. Ora, “himeneu” era uma denominação possível do rito de casa-

mento entre seres humanos na Antiguidade greco-romana, durante o qual se invocava o deus homônimo, filho de Baco e Afrodite, ou de Apolo e Calíope (GRIMAL, 1963, p. 216-217), para proteger a união e os nubentes. (Juno) Lucina, por seu turno, era uma divindade com que se contava, em Roma antiga, para o auxílio *às mulheres* na hora de darem à luz (GRIMAL, 1963, p. 244), de modo que aquela expressão metonímica empregada por Virgílio em menção a simples animais, em princípio, soa algo destoante de sua humilde natureza.

3. *Conclusões*

Todas as passagens e exemplos até aqui oferecidos, esperamos ter demonstrado, permitem-nos afirmar que também o livro pecuário deste “poema da terra” virgiliano favorece a incorporação, às suas linhas, de elementos indicativos de alguma identidade entre mais de um reino da criação. Isso cá se dá, então, ora porque o homem retrocede, apesar de sua aparente “superioridade” sobre os animais rústicos, aos níveis do instinto ou da mera vulnerabilidade orgânica, ora porque os próprios animais surgem revestidos de “cores” humanizantes e, assim, em princípio nobilitadoras. De um modo ou de outro, porém, julgamos que o poeta, mais do que tratar da imposição de arrebadoras forças naturais sobre tudo, ou apresentar os brutos como nossos similares por eventuais motivos de expressividade poética, sempre desejou questionar a plena segurança de fronteiras de nossa pretensa “civilização”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EURÍPIDES; SÊNECA; RACINE. *Hipólito e Fedro*: três tragédias. Estudo, tradução e notas de Joaquim Brasil Fontes Jr. São Paulo: Iluminuras, 2007.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

TREVIZAM, M. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. Tese de doutorado. Campinas: IEL-UNICAMP, 2006.

VIRGIL. *Georgics*. Vol. I: books I-II. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994a.

_____. *Georgics*. Vol. II: books III-IV. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994b.

WILKINSON, L. P. *The “Georgics” of Virgil: a critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.